

Pax Christi Portugal

A Pessoa Humana, Coração da Paz

SUBSÍDIOS PARA A CELEBRAÇÃO DO
DIA MUNDIAL DA PAZ

1 DE JANEIRO DE 2007

Lisboa
Dezembro 2006



PAX CHRISTI

Um Movimento Católico Internacional ao Serviço da Paz

A Pax Christi é um Movimento Católico Internacional para a paz, fundado em França em 1945 com o objectivo de encorajar a reconciliação e a paz no seio das nações feridas pela II Guerra Mundial. Com 95 organizações membro activas em todo o mundo, a Pax Christi trabalha, com todos os homens e mulheres de boa vontade, pela paz entre todos, testemunhando sempre a paz de Cristo. Através da oração, do estudo e da acção, a Pax Christi quer contribuir para "edificar um mundo verdadeiramente mais humano para todos" (*Gaudium et Spes* 77) e em todos os lugares, promovendo uma cultura de paz baseada na justiça, na reconciliação, no desenvolvimento e no respeito pela vida e pelos direitos de cada ser humano.

A Pax Christi tem estatuto consultivo nas Nações Unidas, na UNESCO e no Conselho da Europa. Em 1983 recebeu o Prémio Educação para a Paz da UNESCO e em 1987 o Prémio Mensageiro da Paz das Nações Unidas.

Pax Christi – Secção Portuguesa

Presidente:

D. Januário Torgal Ferreira

Vice-presidente:

Maria Margarida Saco

Secretário Geral:

Manuel Quintãos

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel.: 213 86 51 39

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://paxchristiportugal.no.sapo.pt>

SUMÁRIO

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ DE 2007

A PESSOA HUMANA, CORAÇÃO DA PAZ 4

SUBSÍDIOS PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ

PONTOS-CHAVE DA MENSAGEM PARA O DIA
MUNDIAL DA PAZ 10

A PAZ VERDADEIRA EXIGE O RESPEITO
DOS DIREITOS HUMANOS 11

O ROTEIRO DA PAZ DE BENTO XVI 12

ECOLOGIA DA PAZ 13

DIFERENTES FORMAS DE CELEBRAR
O DIA MUNDIAL DA PAZ 15

COLECTÂNEA DE ORAÇÕES 16

MENSAGEM
DE SUA SANTIDADE
BENTO XVI
PARA A CELEBRAÇÃO DO
DIA MUNDIAL DA PAZ

1 DE JANEIRO DE 2007



A Pessoa Humana, Coração da Paz

1. NO INÍCIO DO ANO NOVO, desejo fazer chegar aos Governantes e aos Responsáveis das Nações, bem como a todos os homens e mulheres de boa vontade os meus votos de paz. Envio-os, de modo particular, a quantos se encontram na tribulação e no sofrimento, a quem vive ameaçado pela violência e pela constrição das armas ou, espezinhado na sua dignidade, aguarda o próprio resgate humano e social. Envio-os às crianças que, com a sua inocência, enriquecem a humanidade de bondade e de esperança e, com o seu sofrimento, a todos nos animam a sermos obreiros de justiça e de paz. Pensando precisamente nas crianças, especialmente naquelas cujo futuro está comprometido pela exploração e pela maldade de adultos sem escrúpulos, quis que, por ocasião do Dia Mundial da Paz, a atenção se concentrasse sobre o tema: *Pessoa humana, coração da paz*. De facto, estou convencido de que respeitando a pessoa promove-se a paz e, construindo a paz, assentam-se as premissas para um autêntico humanismo integral. É assim que se prepara um futuro sereno para as novas gerações.

A PESSOA HUMANA E A PAZ: DOM E MISSÃO

2. A Sagrada Escritura afirma: “Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27). *Por ter sido criado à imagem de Deus, o indivíduo humano possui a dignidade de pessoa; não é só alguma coisa, mas alguém, capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e de entrar em comunhão com outras pessoas. Ao mesmo tempo, ele é chamado, pela graça, a uma aliança com o seu Criador, a dar-Lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar em seu lugar.*(1) Nesta admirável perspectiva, compreende-se a missão confiada ao ser humano de amadurecer pessoalmente na capacidade de amar e de fazer progredir o mundo, renovando-o na justiça e na paz. Numa síntese eficaz Santo Agostinho ensina: “Deus, que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós”.(2) É, pois, um dever de todos

os seres humanos cultivar a *consciência do duplo aspecto de dom e de missão*.

3. Do mesmo modo a paz é simultaneamente um dom e uma missão. Se é verdade que a paz entre os indivíduos e os povos – a capacidade de viverem uns ao lado dos outros tecendo relações de justiça e de solidariedade – representa um compromisso que não conhece pausa, é também verdade, antes é-o mais ainda, que a paz é dom de Deus. A paz é, com efeito, uma característica da acção divina, que se manifesta tanto na criação de um universo ordenado e harmonioso como também na redenção da história humana necessitada de ser recuperada da desordem do pecado. Criação e redenção oferecem, portanto, a chave de leitura que introduz na compreensão do sentido da nossa existência sobre a terra. O meu venerado predecessor João Paulo II, dirigindo-se à Assembleia Geral das Nações Unidas no dia 5 de Outubro de 1995, teve a ocasião de dizer que nós “não vivemos num mundo irracional ou sem sentido, mas [...] existe uma lógica moral que ilumina a existência humana e torna possível o diálogo entre os homens e os povos”.(3) A “gramática” transcendente, ou seja, o conjunto de regras da acção individual e do recíproco relacionamento entre as pessoas de acordo com a justiça e a solidariedade, está inscrita nas consciências, nas quais se reflecte o sábio projecto de Deus. Como recentemente quis reafirmar, “nós cremos que na origem está o Verbo eterno, a Razão e não a Irrracionalidade”.(4) A paz é, portanto, também uma tarefa que compromete cada indivíduo a uma resposta pessoal coerente com o plano divino. O critério que deve inspirar esta resposta não pode ser senão o *respeito pela “gramática” escrita no coração do homem pelo seu divino Criador*.

Nesta perspectiva, as normas do direito natural não são de ser consideradas como directrizes que se impõem a partir de fora, como se coarctassem a liberdade do homem. Pelo contrário, devem ser acolhidas como uma chamada a realizar fielmente o projecto universal divino inscrito na natureza do ser humano. Guia-

(1) Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 357.

(2) *Sermão* 169, 11,13: PL 38,923.

(3) N. 3.

(4) *Homília* no Islinger Feld de Regensburg (12 de Setembro de 2006).

dos por tais normas, os povos – no âmbito das respectivas culturas – podem aproximar-se assim do maior mistério, que é o mistério de Deus. Por isso, o reconhecimento e o respeito pela lei natural constituem também hoje a grande base para o diálogo entre os crentes das diversas religiões e entre estes e os não crentes. É este um grande ponto de encontro e, portanto, um pressuposto fundamental para uma autêntica paz.

O DIREITO À VIDA E À LIBERDADE RELIGIOSA

4. O dever de respeitar a dignidade de cada ser humano, em cuja natureza se reflecte a imagem do Criador, tem como consequência que *não se possa dispor da pessoa arbitrariamente*. Quem detém maior poder político, tecnológico, económico, não pode aproveitar disso para violar os direitos dos outros menos favorecidos. De facto, é sobre o respeito dos direitos de todos que se baseia a paz. Ciente disso, a Igreja faz-se paladina dos direitos fundamentais de cada pessoa. De modo particular, ela reivindica o respeito da *vida* e da *liberdade religiosa* de cada um. O respeito do direito à vida em todas as suas fases estabelece um ponto firme de importância decisiva: *a vida é um dom de que o sujeito não tem completa disponibilidade*. Igualmente, a afirmação do direito à liberdade religiosa põe o ser humano *em relação com um Princípio transcendente que o furta ao arbítrio do homem*. O direito à vida e à livre expressão da própria fé em Deus não está nas mãos do homem. A paz necessita que se estabeleça *uma clara fronteira entre o que é disponível e o que não o é*: assim se evitarão intromissões inaceitáveis naquele património de valores que é próprio do homem enquanto tal.

5. Quanto ao *direito à vida*, cabe denunciar o destroço de que é objecto na nossa sociedade: junto às vítimas dos conflitos armados, do terrorismo e das mais diversas formas de violência, temos as mortes silenciosas provocadas pela fome, pelo aborto, pelas pesquisas sobre os embriões e pela eutanásia. Como não ver nisto tudo um atentado à paz? O aborto e as pesquisas sobre os embriões constituem a negação directa da atitude de acolhimento do outro que é indispensável para se estabelecerem relações de paz estáveis. Mais: no que diz respeito à *livre manifestação da própria fé*, outro sintoma preocupante de ausência de paz no mundo é representado pelas dificuldades que frequentemente tanto os cristãos como os adeptos de outras religiões encontram para professar pública e livremente as próprias convicções religiosas. No caso particular dos cristãos, devo ressaltar com tristeza que por vezes não se limitam a criar-lhes impedimentos; em alguns Estados são mesmo perseguidos, tendo-se registado ainda recentemente episódios de atroz violência. Existem regimes que

impõem a todos uma única religião, enquanto regimes indiferentes alimentam, não uma perseguição violenta, mas um sistemático desprezo cultural quanto às crenças religiosas. Em todo o caso, não se respeita um direito humano fundamental, com graves repercussões sobre a convivência pacífica, o que não deixa de promover *uma mentalidade e uma cultura negativas para a paz*.

A IGUALDADE DE NATUREZA DE TODAS AS PESSOAS

6. Na raiz de não poucas tensões que ameaçam a paz, estão certamente *as inúmeras injustas desigualdades* ainda tragicamente presentes no mundo. De entre elas são, por um lado, particularmente insidiosas *as desigualdades no acesso a bens essenciais*, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro lado, *as contínuas desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais*.

Constitui um elemento de primária importância para a construção da paz o reconhecimento da *igualdade essencial entre as pessoas humanas*, que brota da sua transcendente dignidade comum. A igualdade a este nível é, pois, um bem de todos inscrito naquela “gramática” natural que se deduz do projecto divino da criação; um bem que não pode ser descurado ou desprezado sem provocar pesadas repercussões que põem em risco a paz. As gravíssimas carências de que sofrem muitas populações, especialmente no Continente africano, estão na origem de violentas reivindicações e constituem assim um tremendo golpe infligido à paz.

7. A mesma insuficiente consideração pela *condição feminina* introduz factores de instabilidade no ordenamento social. Penso na exploração de mulheres tratadas como objectos e nas numerosas formas de falta de respeito pela sua dignidade; penso também – num contexto distinto – nas visões antropológicas persistentes em algumas culturas, que reservam à mulher uma posição ainda fortemente sujeita ao arbítrio do homem, com consequências lesivas da sua dignidade de pessoa e para o exercício das próprias liberdades fundamentais. Não devemos iludir-nos de que a paz esteja assegurada enquanto não forem superadas também estas formas de discriminação, que lesionam a dignidade pessoal, inscrita pelo Criador em cada ser humano.(5)

A “ECOLOGIA DA PAZ”

8. Na Carta Encíclica *Centesimus annus* escreve João Paulo II: “Não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção originária de bem, segundo a qual lhe foi entregue; mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar

(5) Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo* (31 de Maio de 2004), nn. 15-16.

a estrutura natural e moral, de que foi dotado”.(6) É respondendo a esta incumbência, que lhe foi confiada pelo Criador, que o homem, juntamente com seus semelhantes, pode dar vida a um mundo de paz. Assim, ao lado da ecologia da natureza existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”. E isto requer que a humanidade, se tem a peito a paz, tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana. A experiência demonstra que *toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana*, e vice-versa. Surge assim com mais evidência um nexos incindível entre a paz com a criação e a paz entre os homens. Uma e outra pressupõem a paz com Deus. A poesia-oração de S. Francisco, conhecida também como “Canção do Irmão Sol”, constitui um admirável exemplo – sempre actual – desta variegada ecologia da paz.

9. Quão seja estreito este nexos entre uma e outra ecologia ajuda-nos a compreender o problema, cada dia mais grave, do *abastecimento energético*. Nestes anos, novas Nações entraram decididamente no sector da produção industrial, aumentando as necessidades energéticas. Isto está a provocar uma corrida sem precedentes aos recursos disponíveis. Entretanto, persistem ainda em algumas regiões do planeta situações de grande atraso, onde o desenvolvimento está praticamente bloqueado devido também ao aumento dos preços da energia. Que acontecerá àquelas populações? Que tipo de desenvolvimento ou de não-desenvolvimento lhes será imposto pela escassez de reabastecimento energético? Que injustiças e antagonismos provocará a corrida às fontes de energia? E como reagirão os excluídos desta corrida? Estas perguntas põem em evidência quanto o respeito pela natureza esteja intimamente ligado à necessidade de tecer entre os homens e entre as Nações relações respeitadoras da dignidade da pessoa e capazes de satisfazer as suas autênticas necessidades. A destruição do ambiente, um uso impróprio ou egoísta do mesmo e a apropriação violenta dos recursos da terra geram lacerações, conflitos e guerras, precisamente porque são fruto de um conceito desumano de desenvolvimento. Com efeito, um desenvolvimento que se limitasse ao aspecto técnico-económico, descuidando a dimensão moral-religiosa, não seria um desenvolvimento humano integral e terminaria, ao ser unilateral, por incentivar as capacidades destruidoras do homem.

VISÕES REDUTIVAS DO HOMEM

10. É urgente, portanto, mesmo no quadro das actuais dificuldades e tensões internacionais, empenhar-se em dar vida a uma *ecologia humana que favoreça o crescimento da “árvore da paz”*. Para tentar semelhante empresa é necessário deixar-se guiar por uma visão da pessoa não viciada por preconceitos ideológicos e culturais ou por interesses políticos e económicos, que incitem ao ódio e à violência. É compreensível que as visões do homem variem nas distintas culturas. Mas o que não se pode admitir é que sejam cultivadas *concepções antropológicas* que contenham nelas mesmas o germe da contraposição e da violência. São igualmente inaceitáveis *concepções de Deus* que estimulem o des-caso para com os próprios semelhantes e o recurso à violência contra eles. Trata-se de um dado em que se deve insistir com clareza: uma guerra *em nome de Deus* jamais é aceitável. Quando uma certa concepção de Deus está na origem de factos criminosos, é sinal de que tal concepção já se transformou em ideologia.

11. Hoje, porém, a paz não é posta em discussão só pelo conflito entre as visões redutivas do homem, ou seja entre as ideologias. É-o também pela *indiferença face àquilo que constitui a verdadeira natureza do homem*. Muitos contemporâneos negam, com efeito, a existência de uma específica natureza humana, tornando assim possível as interpretações mais extravagantes dos constitutivos essenciais do ser humano. Também aqui faz falta a clareza: uma visão “débil” da pessoa, que deixe espaço a qualquer concepção excêntrica, só aparentemente favorece a paz. Na verdade, impede o diálogo autêntico e abre o caminho à intervenção de imposições autoritárias, terminando assim por deixar a própria pessoa indefesa e, conseqüentemente, presa fácil da opressão e da violência.

DIREITOS HUMANOS E ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

12. Uma paz verdadeira e estável pressupõe o respeito dos direitos do homem. Mas se estes direitos se baseiam numa concepção débil da pessoa, como não vão deitar também eles enfraquecidos? Daqui se vê claramente a profunda insuficiência de uma *concepção relativista da pessoa*, quando se trata de justificar e defender os seus direitos. A aporia neste caso é patente: os direitos são propostos como absolutos, mas o fundamento aduzido para eles é apenas relativo. Causará surpresa se, diante das exigências “incômodas” postas por um direito ou outro, aparecer alguém a contestá-lo ou decidir ignorá-lo? Somente radicados em instâncias objectivas da natureza dada ao homem pelo Cria-

(6) N. 38.

dor, é que os direitos a ele atribuídos podem ser afirmados sem medo de contestação. De resto, é evidente que os direitos do homem, por sua vez, implicam deveres. Bem o afirmava a propósito *mahatma* Gandhi: “O Ganges dos direitos desce do Himalaia dos deveres” Somente deixando claro este pressuposto de base é que os direitos humanos, hoje sujeitos a contínuos ataques, podem ser adequadamente defendidos. Sem esta clareza, acaba-se por utilizar a mesma expressão, precisamente “direitos humanos”, mas subentendendo sujeitos bem distintos entre si: para uns, a pessoa humana dotada de dignidade permanente e de direitos sempre válidos, em toda a parte e para todos; para outros, uma pessoa de dignidade mutável e de direitos sempre negociáveis nos conteúdos, no tempo e no espaço.

13. À tutela dos direitos humanos fazem constante referência os Organismos internacionais e, de modo particular, a Organização das Nações Unidas que, com a Declaração Universal de 1948, se propôs, como missão fundamental, promover os direitos do homem. Tal Declaração é vista como uma espécie de *compromisso moral assumido por toda a humanidade*. Isto encerra uma verdade profunda, sobretudo se os direitos humanos descritos na Declaração são considerados como detentores de fundamento não simplesmente na decisão da assembleia que os aprovou, mas na mesma natureza do homem e na sua inalienável dignidade de pessoa criada por Deus. É, portanto, importante que os Organismos internacionais não percam de vista o fundamento natural dos direitos do homem. Isto preservá-los-á do risco, infelizmente sempre latente, de resvalar para uma interpretação meramente positivista. Se isso acontecesse, os Organismos internacionais terminariam carecendo da autoridade necessária para desempenhar o papel de defensores dos direitos fundamentais da pessoa e dos povos, motivo principal da sua mesma existência e actividade.

DIREITO INTERNACIONAL HUMANITÁRIO E DIREITO INTERNO DOS ESTADOS

14. A partir da consciência de que existem direitos humanos inalienáveis ligados com a natureza comum dos homens, foi elaborado um *direito internacional humanitário*, a cuja observância os Estados se comprometem mesmo em caso de guerra. Isto infelizmente não encontrou coerente actuação, prescindindo do passado, em algumas situações de guerra acontecidas recentemente. Foi o que se deu, por exemplo, no conflito que há alguns meses, teve por cenário o sul do Líbano, quando a obrigação de proteger e ajudar as vítimas inocentes e de não envolver a população civil foi em

grande parte desatendida. O doloroso episódio do Líbano e a nova configuração dos conflitos, sobretudo desde que a ameaça terrorista pôs em prática *inéditas modalidades de violência*, requerem que a comunidade internacional reafirme o direito internacional humanitário e o aplique a todas as situações actuais de conflito armado, incluindo as não previstas pelo direito internacional em vigor. Além disso, a praga do terrorismo postula uma reflexão aprofundada sobre os limites éticos que são inerentes ao uso dos instrumentos actuais de tutela da segurança nacional. Com frequência sempre maior, com efeito, os conflitos não são declarados, sobretudo quando os provocam grupos terroristas decididos a alcançar por qualquer meio os seus fins. Face aos desconcertantes cenários destes últimos anos, os Estados não podem deixar de sentir a necessidade de dotar-se de regras mais claras, capazes de contrastar eficazmente o extravio dramático que estamos assistindo. A guerra representa sempre um insucesso para a comunidade internacional e uma grave perda de humanidade. Mas quando, apesar de tudo, ela acontece, convém pelo menos salvaguardar os princípios essenciais de humanidade e os valores básicos de toda a convivência civil, estabelecendo normas de comportamento que limitem ao máximo os seus danos e procurem aliviar os sofrimentos dos civis e de todas as vítimas dos conflitos.(7)

15. Outro elemento causador de grande inquietação é a vontade, manifestada recentemente por alguns Estados, de *possuírem armas nucleares*. Isto fez com que se acentuassem ainda mais o generalizado clima de incerteza e de medo por uma possível catástrofe atómica. O que faz retornar à lembrança o passado, aquelas ânsias desgastantes do período da assim chamada “guerra fria”. Desde então esperava-se que o perigo atómico estivesse definitivamente afastado e que o suspiro de alívio dado pela humanidade pudesse finalmente durar. Como se revela actual, a este respeito, a admoestação do Concílio Ecuménico Vaticano II: “Toda a acção bélica que tende indiscriminadamente à destruição de cidades inteiras ou vastas regiões e seus habitantes é um crime contra Deus e o próprio homem, que se deve condenar com firmeza e sem hesitação”.(8) Infelizmente sombras ameaçadoras continuam adensando-se no horizonte da humanidade. O caminho para garantir um futuro de paz para todos é constituído não somente por acordos internacionais que visem a *não proliferação das armas nucleares*, mas também pelo esforço de procurar com determinação a sua diminuição e definitiva abolição. Não se poupem esforços para se chegar, pela negociação, a alcançar, tais finalidades! Está em jogo o destino de toda a família humana!

(7) A este respeito, o *Catecismo da Igreja Católica* estabeleceu critérios muito severos e precisos: cf. nn. 2307-2317.

(8) Const. past. *Gaudium et spes*, 80.

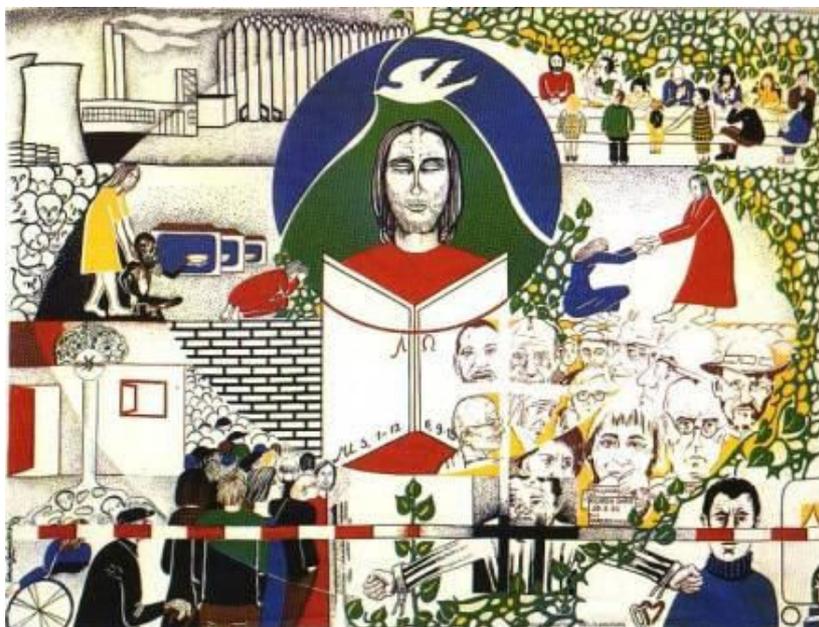
A IGREJA EM DEFESA DA TRANSCENDÊNCIA DA PESSOA HUMANA

16. Desejo, enfim, dirigir um premente apelo ao Povo de Deus, a fim de que cada cristão sinta-se comprometido a ser incansável promotor de paz e acérrimo defensor da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos inalienáveis. Agradecido ao Senhor por tê-lo chamado a pertencer à sua Igreja – que, no mundo, é “sinal e salvaguarda da transcendência da pessoa humana”,⁽⁹⁾ o cristão não se cansará de Lhe implorar o bem fundamental da paz, que tanta importância tem na vida de cada um. Além disso, ele sentirá o orgulho de servir com generosa dedicação a causa da paz, indo ao encontro dos irmãos, especialmente daqueles que, além de sofrer pobreza e privações, estão também privados deste precioso bem. Jesus revelou-nos que “Deus é amor” (1 Jo 4,8) e que a vocação maior de cada pessoa é o amor. Em Cristo, podemos encontrar as supremas razões para nos tornarmos paladinos seguros da dignidade humana e corajosos construtores de paz.

17. Portanto, jamais deixe de faltar a colaboração de cada crente para a promoção de *um verdadeiro humanismo integral*, conforme os ensinamentos das Cartas Encíclicas *Populorum progressio* e *Sollicitudo rei socialis*, das quais nos preparamos para celebrar precisamente este ano o 40º e o 20º aniversário. À Rainha da Paz, Mãe de Jesus Cristo “nossa paz” (Ef 2,14), confio a minha instantânea súplica por toda a humanidade no início do ano de 2007, que vislumbramos – mesmo entre perigos e problemas – com o coração cheio de esperança. Seja Maria a mostrar-nos no seu Filho o Caminho da paz, e ilumine os nossos olhos, para que saibamos reconhecer o seu Rosto no rosto de cada pessoa humana, coração da paz!

Vaticano, 8 de Dezembro de 2006.

Benedictus PP XVI



(9) Conc. Ecum. Vat. II, *ib.*, 76.

SUBSÍDIOS
PARA A CELEBRAÇÃO DO
DIA MUNDIAL DA PAZ

1 DE JANEIRO DE 2007

A Pessoa Humana, Coração da Paz*

PONTOS-CHAVE DA MENSAGEM PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ, 1º JANEIRO 2007

“A Pessoa humana, coração da paz”: este é o tema da Mensagem de Bento XVI para o Dia Mundial da Paz que se celebrará no dia 1 de Janeiro de 2007. Eis os pontos-chave da Mensagem, apresentada na manhã de Terça-feira 12 de Dezembro, na Sala de Imprensa da Santa Sé, pelo Cardeal Renato Raffaele Martino, Presidente do Conselho Pontifício “Justiça e Paz” e do Conselho Pontifício da Pastoral para as Migrações e os Itinerantes, e pelo Bispo Giampaolo Crepaldi, Secretário do Conselho Pontifício “Justiça e Paz”:

“Estou convencido de que respeitando a pessoa promove-se a paz e, construindo a paz, assentam-se as premissas para um autêntico humanismo integral” [n. 1];

A pessoa humana e a paz: dom e missão

“Por ter sido criado à imagem de Deus, o indivíduo humano possui a dignidade de pessoa; não é só alguma coisa, mas alguém... Ao mesmo tempo, ele é chamado, pela graça, a uma aliança com o seu Criador, a dar-Lhe uma resposta de fé e amor... É, pois, um dever de todos os seres humanos cultivar a consciência do duplo aspecto de dom e de missão” [n. 2];



“Do mesmo modo a paz é simultaneamente um dom e uma missão... A paz é dom de Deus... A paz é (...) também uma tarefa que compromete cada indivíduo a uma resposta pessoal coerente com o plano divino. O critério que deve inspirar esta resposta não pode ser senão o respeito pela “gramática” escrita no coração do homem pelo seu divino Criador” [n. 3];

O direito à vida e à liberdade religiosa

“A Igreja faz-se paladina dos direitos fundamentais de cada pessoa. De modo particular, ela reivindica o respeito da vida e da liberdade religiosa de cada um” [n. 4];

“Quanto ao direito à vida, cabe denunciar o destroço de que é objecto na nossa sociedade: junto às vítimas dos conflitos armados, do terrorismo e das mais diversas formas de violência, temos as mortes silenciosas provocadas pela fome, pelo aborto, pelas pesquisas sobre os embriões e pela eutanásia” [n. 5];

A igualdade de natureza de todas as pessoas

“Na raiz de não poucas tensões que ameaçam a paz, estão certamente as inúmeras injustas desigualdades ainda tragicamente presentes no mundo. De entre elas são, por um lado, particularmente insidiosas as desigualdades no acesso a bens essenciais, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro lado, as contínuas desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais” [n. 6];

“A mesma insuficiente consideração pela condição feminina introduz factores de instabilidade no ordenamento social” [n. 7];

A “ecologia da paz”

“Ao lado da ecologia da natureza existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”... Surge assim com mais evidência um nexos incindível entre a paz com a criação e a paz entre os homens” [n. 8];

“Quão seja estreito este nexos entre uma e outra ecologia ajuda-nos a compreender o problema, cada dia mais grave, do abastecimento energético... A destruição do ambiente, um uso impróprio ou egoísta do mesmo e

* ©L'Osservatore Romano - 13 Dicembre 2006

a apropriação violenta dos recursos da terra geram lacerações, conflitos e guerras” [n. 9];

Visões redutivas do homem

“Não se pode admitir (...) que sejam cultivadas concepções antropológicas que contenham nelas mesmas o germe da contraposição e da violência. São igualmente inaceitáveis concepções de Deus que estimulem o des-caso para com os próprios semelhantes e o recurso à violência contra eles. Trata-se de um dado em que se deve insistir com clareza: uma guerra em nome de Deus jamais é aceitável” [n. 10];

“Uma visão “débil” da pessoa, que deixe espaço a qualquer concepção excêntrica... Na verdade, impede o diálogo autêntico e abre o caminho à intervenção de imposições autoritárias” [n. 11];

Direitos humanos e Organizações internacionais

“Uma paz verdadeira e estável pressupõe o respeito dos direitos do homem. Mas se estes direitos se baseiam numa concepção débil da pessoa, como não hão-de ficar também eles enfraquecidos? Daqui se vê claramente a profunda insuficiência de uma concepção relativista da pessoa” [n. 12];

“É (...) importante que os Organismos internacionais não percam de vista o fundamento natural dos direitos do homem” [n. 13];

Direito internacional humanitário e direito interno dos Estados

“A guerra representa sempre um insucesso para a comunidade internacional e uma grave perda de humanidade. Mas quando, apesar de tudo, ela acontece, convém pelo menos salvaguardar os princípios essenciais de humanidade e os valores básicos de toda a convivência civil” [n. 14];

“O caminho para garantir um futuro de paz para todos é constituído não somente por acordos internacionais que visem a não proliferação das armas nucleares, mas também pelo esforço de procurar com determinação a sua diminuição e definitiva abolição” [n. 15];

A Igreja em defesa da transcendência da pessoa humana

“Em Cristo, podemos encontrar as supremas razões para nos tornarmos paladinos seguros da dignidade humana e corajosos construtores de paz” [n. 16];

“Portanto, jamais deixe de faltar a colaboração de cada crente para a promoção de um verdadeiro humanismo integral” [n. 17].

A paz verdadeira exige o respeito dos direitos humanos*

Manuela Silva
Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz

Acaba de ser divulgada a Mensagem que o Papa Bento XVI dirige ao Mundo por ocasião do dia mundial pela Paz que, uma vez mais, se celebrará no próximo dia 1 de Janeiro.

De entre os temas focados, o Papa adverte contra as visões redutoras do ser humano que, em seu entender, estão na origem do enfraquecimento do alcance dos direitos humanos consagrados pela Declaração Universal assinada em 1948 e, indirectamente, atentam contra a paz.

Uma observação sucinta do panorama mundial traz-nos motivos sérios para nos preocuparmos com a construção da paz.

No ano que está a terminar, o mundo assistiu, com algum estremecimento, a múltiplos e graves atropelos ao respeito e cumprimento de direitos humanos fundamentais.

É a guerra no Iraque que continua sem fim à vista e que, quase diariamente, vem somando novas vítimas, muitas delas vítimas civis apanhadas nos mercados, nas escolas ou outros espaços públicos, ao acaso de atentados levados a cabo por diferentes facções políticas ou, mesmo, como consequência de perseguições por parte de forças militares ou policiais.

Foi o combate sangrento, que ocorreu no sul do Líbano, e deixou atrás de si um rasto de destruição e milhares

* Copyright© Agência Ecclesia - 19 de Dezembro de 2006

de desalojados, sem falar nas pessoas que perderam a vida nesse conflito.

É o desrespeito das mais elementares normas de relação com os prisioneiros e as situações de humilhação e tortura perpetradas por quem detém a responsabilidade de os guardar.

Há o povo martirizado da faixa de Gaza, palestinianos e israelitas, com vidas sempre em sobressalto e vivendo em permanente situação de risco.

Nem as crianças têm sido poupadas, por isso o Papa as menciona, explicitamente, no endereço da sua mensagem.

Um olhar atento sobre o que se passa no Mundo levamos a admitir que se estão acumulando tensões sociais, económicas, civilizacionais e políticas, parecendo que se caminha, perigosamente, em sentido inverso ao da construção da paz.

A recente crise nas relações com o Irão, que persiste em prosseguir com o seu programa nuclear à revelia das Nações Unidas, é, apenas, um, entre muitos, dos sinais da debilidade em fazer cumprir as resoluções tomadas nas instâncias internacionais.

As manifestações de terrorismo a que temos assistido constituem, por seu turno, um sinal de alerta relativamente à ameaça que pesa sobre os níveis de segurança desejáveis.

Não é apenas nas zonas de conflito que os direitos humanos são espezinhados. Recordá-lo neste dia mundial pela Paz é um dever a que devemos dar toda a nossa atenção.

Se queremos construir uma paz justa, verdadeira e duradoura, temos de superar as causas que se lhe opõem, para, assim, construir a “árvore da paz”. Não estará ao nosso alcance imediato acabar com os conflitos, pôr termo ao terrorismo, impedir que os prisioneiros sejam maltratados, mas podemos agir, ao nosso nível, para que sejam mais respeitados os direitos humanos do nosso próximo, reduzir as desigualdades de rendimentos e oportunidades, combater a exclusão social, reconhecer o valor de outras culturas e civilizações, promover a tolerância e o diálogo inter-religioso. Outras tantas veredas para construir a paz.

Esta mensagem do papa Bento XVI vem encorajar-nos a que devemos continuar a afirmar os direitos da pessoa humana, fundamentá-los em bases sólidas, torná-los matéria de actualidade e exigir que figurem nas agendas políticas e mediáticas. Lembra-nos, também, que não podemos distrair-nos de os fazer valer no nosso quotidiano, através do cumprimento escrupuloso dos nossos deveres para com a Humanidade de que somos parte indissociável.

O roteiro da paz de Bento XVI*

Mendo Castro Henriques

Dir. Departamento de Investigação Instituto da Defesa Nacional

No cerne da sua mensagem do Dia Mundial da Paz de 1 de Janeiro de 2007, sobre os grandes temas da actualidade, o Papa Bento XVI colocou a Pessoa humana, coração da paz. Com esse tema como centro da meditação introduz o apelo das Escrituras num verdadeiro “roteiro da paz” que orienta áreas como o direito à vida e à liberdade religiosa, a igualdade de natureza de todas as pessoas, a “ecologia da paz”, o papel dos Direitos humanos e Organizações internacionais, o Direito internacional humanitário, o direito interno dos Estados e o papel da Igreja em defesa da pessoa humana.

Afastado dos conservadores que há uma década nos explicavam o “fim-da-história” e que agora insistem no “choque de civilizações” como “o sentido da história”, Bento XVI introduz “sentido na história” através das Escrituras. Os problemas e as crises fundamentais da actualidade envolvem muito mais do que “atrasos” na adaptação da consciência humana a novas situações - o que poderia ser resolvido tant bien que mal por “novas moralidades” e “novas cidadanias”. O problema é que a auto-interpretação do homem actual tem que ser libertada das enormes expectativas imanentistas que criam a

* Copyright© Agência Ecclesia - 19 de Dezembro de 2006

insatisfação com a ordem instalada mas que renegam a “gramática” do direito natural.

Perante estas expectativas imanentistas, Bento XVI introduz a esperança de que a paz seja (2) “um dom e uma missão”, a “criação de um universo ordenado” e a “redenção da história humana”. (3) Existe uma “gramática” escrita no coração do homem pelo seu divino Criador com as normas do direito natural. O reconhecimento e o respeito pela lei natural são a base para o diálogo entre os crentes das diversas religiões e os não crentes. (4). O dever de respeitar a dignidade de cada ser humano, em cuja natureza se reflecte a imagem do Criador, tem como consequência que não se possa dispor da pessoa arbitrariamente, cabendo denunciar os atentados contra (5) as vítimas dos conflitos, do terrorismo e das formas de violência, provocadas pela fome, pelo aborto e pela eutanásia. São de denunciar (6) as desigualdades no acesso a bens essenciais, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro lado, as contínuas desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais. (7). São inadmissíveis a exploração de mulheres tratadas como objectos e as numerosas formas de falta de respeito pela sua dignidade; (8). A experiência demonstra que toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana, e vice-versa. (9). A destruição do ambiente, e a apropriação violenta dos recursos da terra geram conflitos e guerras. (10). São inadmissíveis as concepções antropológicas que pregam a guerra em nome de Deus. (11). São inadmissíveis também “pela indiferença face àquilo que constitui a verda-

deira natureza do homem. (12). É ineficaz que os direitos humanos sejam propostos como absolutos, mas com um fundamento apenas relativo. Como disse o mahatma Gandhi: “O Gange dos direitos desce do Himalaia dos deveres” (13). A Declaração Universal de 1948 é um compromisso moral assumido por toda a humanidade que fortalece a autoridade dos Organismos internacionais para defenderem os direitos fundamentais da pessoa e dos povos. (14). O direito internacional humanitário, e os instrumentos de segurança nacional devem combater a “praga do terrorismo”. (15). A vontade de alguns Estados de possuírem armas nucleares deve ser contrariada por acordos internacionais que visem a não proliferação, e pelo esforço de procurar a definitiva abolição.

Este grandioso roteiro da paz do Papa Bento XVI demarca-se claramente das visões optimistas de que estamos numa década de expansão da democracia, da economia de mercado e das tentativas de paz pelo direito. Também não alimenta o pessimismo dos que referem a permanência de guerras não declaradas, genocídios, pobreza continuada, novos fundamentalismos, degradação ambiental, desemprego e esvaziamento do significado do trabalho, e doenças sociais como o SIDA e o consumo das drogas. Conforme os ensinamentos das Cartas Encíclicas *Populorum progressio* e *Sollicitudo rei socialis*, proclama um humanismo integral com que a Igreja defende a transcendência da pessoa humana e com que dá continuidade ao diálogo ecuménico com outras religiões.

Ecologia da paz*

Isabel Varanda
Professora de Teologia UCP

Na mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz, as palavras do Papa Bento XVI convidam-nos a avaliar a medida do risco antropológico no tempo actual. Desenvolvemos um mundo consumista onde tudo se transforma em bem de consumo: consumimos a natureza, consumimos os outros, consumimos Deus e consumimos nós mesmos numa cupidez e bulimia compulsiva; consumimo-nos a consumir, na busca de um alimen-

to que sacie a nossa fome já saciada de haveres, mas faminta de luz, de sentido e de paz.

Toda a mensagem é um manifesto da ecologia da paz. É esta precisamente a expressão que serve de título ao desenvolvimento dos parágrafos 8 e 9, onde o Santo Padre explicita e aprofunda o sentido de que a expressão é portadora.

* Copyright© Agência Ecclesia - 19 de Dezembro de 2006

Desde 1886, altura em que o biólogo alemão Ernst Haeckel usa pela primeira vez a palavra ecologia, pretendendo significar a ciência da economia, dos hábitos, do modo de vida e das relações vitais entre os organismos, o conceito de ecologia vê-se investido de novas semânticas, não estritamente ambientais. Entre muitas outras expressões encontramos, por exemplo, ecologia das ideias (Gregory Bateson), ecologia da inter-subjectividade (Félix Guattari), ecologia económica (Maurice Bellet), ecologia política (Os Verdes), “ecologia humana” (João Paulo II) e “ecologia da paz” (Bento XVI). Estas diversas denominações analógicas permitem perceber que a crise ecológica ambiental é somente a ponta do iceberg de uma crise mais vasta. No pensamento do Santo Padre, a crise ecológica ambiental manifesta um mal mais profundo - a progressiva devastação do humano, em forma de crise geral do ambiente natural, das sociedades e dos indivíduos - resultante de “um conceito desumano de desenvolvimento” (§9).

Ao evidenciar “o nexos incindível” entre a ecologia ambiental e a ecologia humana, Bento XVI chama a atenção para a necessidade de se aprender a pensar na transversal as interacções entre os ecossistemas naturais e os contextos sociais e individuais. Procurar um princípio integrador que prefigure uma ecologia holística, respeitadora da natureza e potenciadora do “desenvolvimento humano integral”. Ecologia ambiental, mas sem fundamentalismo naturalista; ecologia humana, mas sem fundamentalismo humanista; antes, busca da “paz com a criação e a paz entre os homens” (§8) à luz da promessa bíblica: “farei da Paz a tua administradora, e da Justiça a tua autoridade suprema. Na tua terra não se tornará a falar em violência, nem em devastação e destruição das tuas fronteiras (Is 60,18).

O Dia Mundial da Paz celebra-se à luz do mistério mais admirável a que o humano alguma vez teve acesso. Os céus, de temidos na mentalidade animista, passam a ser contemplados, na fé expectante: “Oxalá fendesses o céu e descesses” (Is 63,19). E Deus desce, incarnando no seio da Virgem Maria e nascendo num lugar jamais pensado para um deus, num estábulo, tendo por berço

uma manjedoura. Eis o mistério da fé: as estrelas iluminam o caminho, os animais aquecem o Menino, os soberanos seguem a estrela e inclinam-se diante da Suprema Majestade.

Doravante, não há lugar no mundo, seja ele o mais sombrio, marginal ou insignificante, que não seja lugar e coisa sagrada. A paz acontece quando a sacralidade das criaturas é reconhecida e respeitada. Sacralidade que diz dignidade e interdita a violação. Sacralidade que diz limite, comportando simultaneamente um imperativo de restrição e um vocativo de excesso. Não entres como dono se podes entrar como amigo. Não venhas pela força; avança em doçura. O limite diz: eu não sou uma humilhação para ti, sou a tua vocação.

Neste sentido, o “não matarás” (mandamento que não se refere simplesmente à eliminação física de outrem, mas também às sentenças de morte executadas no quotidiano por meio da violação dos direitos e deveres dos seres humanos e da natureza), mais do que um relativo (provisório) político-cultural é um absoluto (definitivo) imperativo teológico que, numa formulação positiva, poderá ser traduzido do seguinte modo: cuidarás da vida, de toda a vida, a vida toda, em todas as circunstâncias, mormente a vida fragilizada.

No mundo actual, em particular no contexto europeu onde o argumento teológico é progressivamente desclassificado, a dignidade do ser humano, como valor absoluto, fica ao critério exclusivo do argumento antropológico. Ora este, mesmo na sua formulação mais plena, não deixa de ser relativo, e portanto não comporta em si o fundamento absoluto da dignidade humana. O laicismo europeu é, assim, confrontado a uma aporia que não pode ignorar: ou afirma o valor absoluto da dignidade humana, e para tal tem de avançar um fundamento absoluto da mesma dignidade - o argumento antropológico não chega a este nível de fundamentação - ou, então, todo e qualquer fundamento relativo faz da dignidade humana um valor relativo, à mercê dos tempos e das vontades.

Diferentes formas de celebrar o Dia Mundial da Paz*

Para além de uma Missa pela paz, pode-se organizar uma paraliturgia pela paz, uma vigília da paz ou outro tipo de evento baseado no tema: *A pessoa humana, coração da paz.*

Apresentamos aqui algumas propostas que podem ser utilizadas para assinalar este Dia Mundial da Paz.

EVANGELHO DA VIDA

Para ilustrar o Evangelho da Vida, pode-se criar um mural com uma figura humana, ou uma família, no centro, de onde saem duas séries de feixes de cores diferentes (pintadas, de papel, lã ou fitas). Uma série de feixes representa as ameaças à vida: guerra, pobreza, pena de morte, destruição do ambiente, aborto, eutanásia... a serem ilustradas através de palavras ou imagens. A segunda série de feixes representa os valores necessários para manter o dom da vida: paz, não-violência, respeito, dignidade, justiça...

PAZ NO MUNDO

Fazer postais ou posters com a palavra PAZ em diferentes línguas e pendurá-los nos pilares ou janelas da igreja. Podem ser o mais coloridas possíveis - é uma boa actividade para as crianças e jovens e uma forma de envolver pessoas de outros países que vivam na paróquia. Como se diz PAZ na língua delas? Uma lista de palavras está disponível no site da Pax Christi Internacional (<http://storage.paxchristi.net/PB44E06.pdf>).

AJUDAR O MUNDO

Colocar um grande mapa-mundo na parede ou no chão. À volta do mapa coloque fotografias de conflitos ou de guerra em vários países, intercalados com citações/frases sobre a paz. Junto do mapa colocar um bloco de post-its, nos quais as pessoas são convidadas a desenhar um coração, um arco-íris ou palavras de paz e amor. Convidar as pessoas a rezarem pela paz no mundo, utilizando alguma das orações propostas a seguir (que pode ser impressa e distribuída), colando o seu desenho ou frase numa zona do mapa-mundo que considere precisar mais de ajuda.

COMPROMISSO COM UM ESTILO DE VIDA SIMPLES

Ajudar a reflectir sobre a ligação entre a paz, o desenvolvimento e a pessoa humana através de um certo estilo de vida simples, a partir da encíclica do Papa Paulo VI *Populorum Progressio*, cujo 40º aniversário celebramos. O mote para reflexão poderia ser: *Deus chama-nos a reflectir profundamente sobre os nossos estilos de vida e a escolher viver com simplicidade, sustentabilidade e em solidariedade com os pobres. Deste modo é possível ajudar a criar um mundo onde a dignidade humana é respeitada e cada um pode atingir o seu pleno potencial. Isto seria verdadeiro progresso, mais válido que o crescimento económico isolado.*

O Dia Mundial da Paz pode constituir uma boa oportunidade para lançar uma série de encontros e eventos em torno deste aniversário.



* Adaptado do caderno editado pela Pax Christi do Reino Unido para o Domingo da Paz da Pax Christi, 14 de Janeiro de 2007.

Colectânea de Orações

ORAÇÃO PELA PAZ

Bom Deus,
Tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração.
Tu desejas que a Paz se irradie sobre todos os seres humanos.
Dirige com o teu espírito os esforços da humanidade para conseguir que haja Paz e Justiça entre as nações da terra e fortalece a quem governa e trabalha para as estabelecer no mundo.
Ilumina os que se reúnem com o fim de encontrar meios para estabelecer a Paz, e através da tua palavra, transforma os corações de todos os homens e mulheres do mundo, de modo a que procuremos:

A Paz e não a guerra

O Bem comum, acima do bem-estar individual

A Tua Justiça, em vez da própria glória.

Tu que nos deste a tua Paz, permite-nos partilhá-la com quem está à nossa volta para que o amor e harmonia estejam sempre presentes nas nossas vidas, para que todo o mundo seja feliz, para que possamos viver dignamente e como irmãos e para que todos se alegrem na tua presença. Unidos na diversidade, invocamos a tua Graça Infinita e com humildade suplicamos-te que recebas as nossa oração e nos convertas em instrumentos da tua Paz.

Ámen.

© 2006 Conselho Mundial de Igrejas

SENHOR, DEUS DE PAZ

Senhor, Deus de paz,
Que criaste os homens,
objecto da Tua benevolência,
para serem familiares da Tua glória,
nós Te bendizemos e Te damos graças;
porque nos enviaste Jesus,
teu Filho amantíssimo,
e fizeste d'Ele, no mistério da Sua Páscoa,
o Artífice de toda a salvação,
a nascente de toda a paz,
o laço de toda a fraternidade.

Nós te damos graças pelos desejos,
pelos esforços

e pelas realizações
que o teu Espírito de paz
tem suscitado no nosso tempo,
para substituir o ódio pelo amor,
a desconfiança pela compreensão,
a indiferença pela solidariedade.

Abre ainda mais os nossos espíritos
e os nossos corações,
às exigências concretas do amor
de todos os nossos irmãos
para que possamos ser
sempre mais
construtores de paz.

Recorda-te, Pai de misericórdia,
de todos aqueles que pensam, sofrem e morrem
no parto dum mundo mais fraterno.

Que para os homens de toda a raça e de toda a língua
venha o teu reino de justiça, de paz e de amor.
E que a terra seja repleta da Tua glória!

Ámen.

Paulo VI
(<http://www.capuchinhos.org>)

EM CADA ARMA UMA FLOR!

Porquê, Senhor,
sendo o mundo tão belo,
tão maravilhoso,
só pensamos em destruí-lo?

Faz que cada homem
olhe a natureza como ela é:
pura e alegre;
que em cada arma que se fabrica
nasça uma flor,
com toda a sua beleza e alegria;
que cada campo de guerra
se transforme numa reunião
de fraternidade e de paz.

Faz, Senhor, que todos
nos abracemos como irmãos.

Natália Marques
(<http://www.capuchinhos.org>)

A PAZ SEM VENCEDOR E SEM VENCIDOS

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos
Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos
Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Sophia de Mello Breyner Andresen

DÁ-ME UM CORAÇÃO...

Dá-me um coração de POBRE
Capaz de amar, de se abrir e de se entregar.

Dá-me um coração PACIENTE
Capaz de amar e de viver na esperança

Dá-me um coração PACÍFICO
Capaz de amar e de semear a paz no mundo.

Dá-me um coração JUSTO
Capaz de amar e de tudo arriscar pela justiça.

Dá-me um coração MISERICORDIOSO
Capaz de amar, de compreender e de perdoar.

Dá-me um coração SENSÍVEL.
Capaz de amar e de chorar sem desalentos.

Dá-me um coração PURO
Capaz de amar e de descobrir Deus na pessoa do
outro.

Dá-me um coração FORTE
Capaz de amar e fiel até à morte.

Dá-me um coração EVANGÉLICO
Capaz de amar.

© 2006 Conselho Mundial de Igrejas



ORAÇÃO MUÇULMANA, JUDAICA E CRISTÃ PELA PAZ

Oh Deus, tu és a fonte de vida e de paz.
Que o Teu nome seja louvado para sempre.
Sabemos que és Tu que nos inspiras
pensamentos de paz.
Escuta a nossa oração em tempos de crise.

O teu poder transforma os corações.
Muçulmanos, Cristãos e Judeus recordam
e afirmam com convicção,
que são seguidores do Deus único,
filhos de Abraão, irmãos e irmãs;
os inimigos começam a falar-se;
os que eram estranhos dão as mãos na amizade;
as nações procuram juntas o caminho da paz.

Fortalece a nossa resolução para sermos testemunhas
destas verdades pelas nossas vidas.

Dá-nos:

A **Compreensão** que põe fim ao conflito;
A **Misericórdia** que acaba com o ódio, e
O **Perdão** que ultrapassa a vingança.

Dá a todos os povos a capacidade de viver
segundo a Tua lei do amor.

Ámen.

Pax Christi USA

LITANIA DE MARIA DE NAZARÉ

Glória a Ti, Deus nosso Criador:
Sopra vida nova e sentido novo em nós.

Glória a Ti, Deus nosso Salvador:
Guia-nos no caminho da paz e da justiça.

Glória a Ti, Espírito Santo:
Transforma-nos para podermos ajudar os outros.

Maria, fonte de paz: *Sê nossa guia.*

Modelo de fortaleza...

Modelo de gentileza...

Modelo de confiança...

Modelo de coragem...

Modelo de paciência...

Modelo de risco...

Modelo de abertura...

Modelo da perseverança...

Maria, Mãe do libertador: *Roga por nós.*

Mãe dos sem casa...

Mãe dos moribundos...

Mãe dos não-violentos...

Mãe das viúvas...

Mãe das mães solteiras...

Mãe do preso político...

Mãe do condenado...

Mãe do criminoso executado...

Maria, mulher oprimida: *Conduz-nos à vida.*
Libertadora dos oprimidos...
Mulher marginalizada...
Consolo dos aflitos...
Causa da nossa alegria...
Sinal de contradição...
Libertadora das cadeias...
Refugiada política...
Requerente de santuário...
Primeira discípula...
Participante no mistério de Cristo...
Indagadora da vontade de Deus...
Testemunha da ressurreição de Cristo...

Maria, Mulher de misericórdia: *Fortalece-nos.*
Mulher de fé...
Mulher de contemplação...
Mulher de visão...
Mulher de sabedoria e de compreensão...
Mulher de graça e de verdade...
Mulher, grávida de esperança...
Mulher, centrada em Deus...

Oração

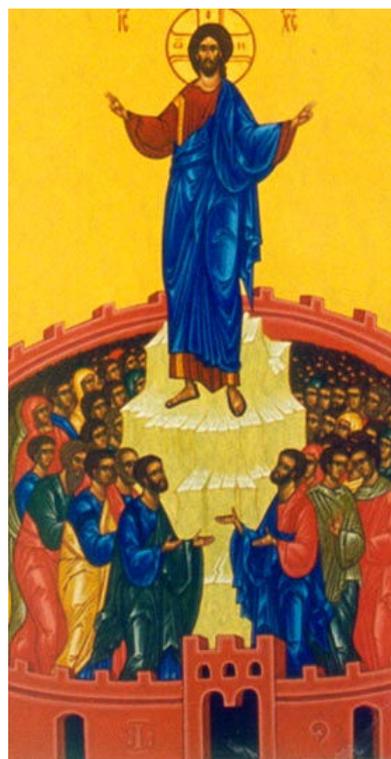
Maria, Rainha da Paz, a ti confiamos as nossas vidas.
Protege-nos da guerra, do ódio e da opressão.
Ensina-nos a viver em paz, a reverenciar tudo o que
Deus criou.
Que a paz deite as suas raízes firmemente nos nossos
corações e no nosso mundo.
Ámen.

Juan Wolbert, OSB, Pax Christi USA

BÊNÇÃO

Que a bênção do Deus da paz e da justiça esteja
connosco;
Que a bênção do Filho que chora as lágrimas do mundo
sofrendo, esteja connosco;
E que a bênção do Espírito que nos inspira à
reconciliação e à esperança, esteja connosco
Agora e para sempre.
Ámen.

© 2003 Clare McBeath



OUTRAS ORAÇÕES

1.

Senhor, tu disseste-nos “Deixo-vos a minha paz”.
Esta paz que tu dás não é a deste mundo:
não é a paz da ordem, quando a ordem oprime;
não é a paz do silêncio, quando o silêncio nasce da
eliminação;
não é a paz da resignação, quando a resignação é inútil;
A tua paz é amor a todas as pessoas,
é justiça para todas as pessoas,
é verdade para todas as pessoas,
a verdade que liberta e estimula o crescimento.

Senhor, é esta a paz na qual acreditamos baseando-nos
na tua promessa.
Concede-nos a paz e transmitiremos esta paz aos
outros.

Comunidade Valdense (Itália)

2.

A ti Senhor, que criaste a natureza e a humanidade,
em verdade e beleza, dirigimos a nossa oração:

Escuta a nossa voz, porque é a voz das vítimas de
todas as guerras e da violência entre as pessoas e as
nações.

Escuta a nossa voz, porque é a voz de todas as
crianças que sofrem e sofrerão enquanto continuemos a
pôr a nossa fé nas armas e na guerra.

Escuta a nossa voz quando te rogamos que infundas nos corações de todos os seres humanos a sabedoria da paz, da força da justiça e da alegria da comunidade.

Escuta as nossas vozes, pois falamos em nome das multidões que, em todos os países e períodos da história, não querem a guerra e estão dispostas a percorrer o caminho da paz.

Escuta as nossas vozes, e concede-nos inteligência e força para que respondamos sempre ao ódio com o amor, à injustiça com a dedicação total à justiça, à necessidade com o partilhar a nossa própria pessoa, à guerra com a paz.

Oh Deus, escuta as nossas vozes e concede ao mundo a tua paz duradoura.

Adaptado da Oração de João Paulo II em Hiroshima (1981)

3.

Deus eterno, Criador do universo, não há outro Deus além de ti.

Grandes e maravilhosas são as tuas palavras, admiráveis os teus caminhos.

Damos-te graças pela grande variedade esplendorosa da tua criação.

Damos-te graças pelas muitas formas com que afirmamos a tua presença e desígnio, e a liberdade de o fazer assim.

Perdoa os nossos ataques à tua criação.

Perdoa a nossa violência contra o nosso próximo.

Estamos estupefactos e agradecidos pelo teu amor persistente a todos e a cada um dos teus filhos:

crístãos, judeus, muçulmanos

bem como aos de outras religiões.

Concede a todos e a aos nossos dirigentes os atributos dos fortes;

respeito mútuo em palavras e actos,

moderação no exercício do poder, e

a vontade de paz com justiça para todos.

Deus eterno, Criador do universo, não há outro Deus além de ti. *Ámen.*

Oração composta por crístãos, judeus e muçulmanos.

Current Dialogue 24/93, p. 36

4.

Irmãos e irmãs,

Rezemos para que a razão seja maior que o espírito de vingança.

Rezemos para que os homens saibam que são capazes de viver juntos.

Rezemos enfim para que acabem as acções militares que impedem os chefes e os soldados de serem

peças humanas e os transformam em assassinos e demolidores.

Rezemos para que Deus continue presente no meio dos homens e que a sua presença torne o homem mais humano em relação aos seus irmãos e irmãs, para lá de toda a discriminação religiosa ou nacional.

Michel Sabbah, Patriarca Latino de Jerusalém e Presidente da Pax Christi Internacional (Agosto de 2006)

ALGUNS TEXTOS BÍBLICOS

- Salmo 51,10-17
- Salmo 85
- Efésios 2,11-22
- Romanos 14,19 - 15,7
- Mateus 5,3-12
- João 14,23-31
- João 20,19-23
- Isaías 60,17-22
- Gálatas 5,22-25
- Romanos 12,18-21
- Tiago 3,18

© 2005 Conselho Mundial de Igrejas



PAX CHRISTI

Um Movimento Católico Internacional ao Serviço da Paz

A Pax Christi é um Movimento Católico Internacional para a Paz, fundado em França em 1945 com o objectivo de encorajar a reconciliação e a paz no seio das nações feridas pela II Guerra Mundial. Com 95 organizações membro activas em todo o mundo, a Pax Christi trabalha, com todos os homens e mulheres de boa vontade, pela paz entre todos, testemunhando sempre a paz de Cristo. Através da oração, do estudo e da acção, a Pax Christi quer contribuir para “edificar um mundo verdadeiramente mais humano para todos” (*Gaudium et Spes 77*) e em todos os lugares, promovendo uma cultura de paz baseada na justiça, na reconciliação, no desenvolvimento e no respeito pela vida e pelos direitos de cada ser humano.

A Pax Christi tem estatuto consultivo nas Nações Unidas, na UNESCO e no Conselho da Europa. Em 1983 recebeu o Prémio Educação para a Paz da UNESCO e em 1987 o Prémio Mensageiro da Paz das Nações Unidas.



Pax Christi – Secção Portuguesa

Presidente

D. Januário Torgal Ferreira

Vice-presidente

Maria Margarida Saco

Secretário Geral

Manuel Quintãos

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel.: 213 86 51 39

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://paxchristiportugal.no.sapo.pt>